



“Escolas de Música, Escolas de Vida”: Estudo de Caso na Música Nova de Ílhavo

Revista Portuguesa de Educação Artística,
Vol. 7, N.º 2, 2017
DOI: 10.23828/rpea.v7i2.130
<http://recursosonline.org/rpea>

“Schools of Music, Schools of Life”: a Case Study in Ílhavo

Maria Helena da Cruz Martins Rodrigues Milheiro
FCSH-UNL; Uni.lu; Inet-md
mhmilheiro@gmail.com

RESUMO

Este trabalho explora o processo de ensino de música nas bandas filarmónicas em Portugal. Parte de um estudo de caso realizado na Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova. As Bandas Filarmónicas são instituições seculares responsáveis pela formação inicial de grande parte dos instrumentistas de sopro em Portugal. O desinteresse que os estudos musicológicos revelaram por esta realidade musical explica-se pela persistência de um paradigma essencialista da cultura que exclui as práticas situadas entre os domínios erudito e folclórico. Enquadra-se num estudo mais amplo que compreende a atividade filarmónica no concelho de Ílhavo. O meu contributo circunscreve-se ao ensino-aprendizagem de música nas bandas filarmónicas e à atividade performativa da Música Nova ao longo de 2012, procurando averiguar o impacto que a formação de músicos nas bandas filarmónicas teve e tem na vida musical em Portugal, nomeadamente na formação de músicos profissionais.

Palavras-chave: Bandas Filarmónicas; Ílhavo; Ensino; Escolas de Música

ABSTRACT

This study explores the process of teaching music in the community bands in Portugal, through qualitative and quantitative methods. It is part of a case study conducted in Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova. The Wind Bands are secular institutions, responsible for the initial training of most wind players in Portugal. The disinterest musicological studies revealed by this reality is explained with the persistence of essentialist a cultural paradigm that excludes practices situated between academic and popular domains. It fits in a larger study comprising Philharmonic activity in the municipality of Ílhavo. My contribution is limited to the teaching and learning of music in the wind bands and to the performative activity of Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova throughout 2012, trying to ascertain the impact of the musical education in the wind bands in the musical life in Portugal, particularly in the training of professional musicians.

Keywords: Community Wind Bands; Ílhavo; Teaching; Music Schools

Introdução

A filarmónica é uma autêntica instituição nacional? Sem dúvida. Há neste caso que protegê-la, dar-lhe o relevo que necessita e fazer dela uma forte "construção". (Freitas, 1946: 30)

As bandas filarmónicas são instituições seculares, consideradas por muitos como escolas de vida, além de serem importantes centros de aprendizagem musical, de onde saem bons instrumentistas de sopro. Pedro de Freitas (1894-1987), filarmónico nascido em Loulé, ferroviário e militar, escreveu um importante livro sobre estas instituições, intitulado *História da Música Popular em Portugal*, no qual faz uma descrição das bandas existentes na primeira metade do século XX, contabilizando cerca de 200 filarmónicas espalhadas pelo país. É um trabalho importante pela singularidade de dados que fornece para o conhecimento desta realidade que retrata o papel relevante das bandas filarmónicas na vida musical da sociedade portuguesa, enquanto associações de impacto local e regional, sendo o próprio autor um entusiasta por estas associações. Além de destacar o papel associativo das filarmónicas, Freitas também as engloba no meio 'popular', uma vez que, para o autor, é este sector da população que mais apoio dá a estas instituições. Este argumento faz sentido se pensarmos que as filarmónicas propiciam novas sociabilidades e são importantes centros de ensino musical, sendo que em alguns períodos da história portuguesa as bandas foram, nas localidades onde estavam sediadas, a única instituição onde os seus habitantes podiam aprender formalmente música:

Às Sociedades Filarmónicas quem lhes empresta mais solidariedade? Quer no campo artístico quer no campo económico, são, em geral, as classes

menos abastadas. Nas outras, infelizmente, e em relação à generalidade, poucas dedicações se encontram. É no pedreiro, no trabalhador, no sapateiro, no carpinteiro, no empregado humilde enfim, que se encontra a verdadeira e desinteressada dedicação: o sustentáculo das Bandas Populares, o sacrifício do dinheiro, o martírio dos ensaios depois dos dias exaustivos de trabalho, o cansaço, a paciência, a abnegação, e por último o amor verdadeiro e sincero à Causa. São estes os obreiros anónimos que sustentam no país, e sem remuneração, a música do povo. (Freitas, 1946: 29-30)

Mais recentemente, os autores Sardinha e Camacho (2001) fazem referência ao importante papel social e educativo das bandas filarmónicas:

... Por outro lado, estas instituições musicais são responsáveis por 150 anos de educação musical no nosso país, e fizeram-na sem a ajuda do Estado, que durante muito tempo foi alheio a um verdadeiro programa de alfabetização musical. Até ao 25 de Abril de 1974 estas sociedades foram os conservatórios do povo e não se pense que a sua vocação ficava só pela prática musical. O teatro, o desporto e até a instrução primária foram alguns dos seus contributos para a evolução global do país. Nos meios rurais onde a escola tardava em chegar era a banda onde se aprendia a ler, a escrever e contar. Pelas bandas filarmónicas passaram, e ainda passam, alguns dos melhores músicos de sopro do país. Depois de as frequentarem, ficam aptos a evoluir para outros patamares nos conservatórios ou nas escolas superiores de música. (Sardinha e Camacho, 2001: 9 cit. in Gomes, 2007: 172)

O meu contributo circunscreve-se ao ensino-aprendizagem de música nas bandas filarmónicas, tendo como objetivos compreender o impacto que a formação de músicos nas mesmas teve e tem na vida musical em Portugal, nomeadamente na formação de músicos profissionais, além da caracterização e descrição do desenvolvimento do processo de ensino ministrado nas bandas. Este trabalho pretende também conhecer esta realidade e compreender em que medida e como as

bandas filarmónicas em Portugal têm contribuído para a formação de músicos profissionais, além da educação de cidadãos.

O trabalho está integrado no projeto “Mimar”, projeto conjunto entre a Câmara Municipal de Ílhavo e a Universidade de Aveiro enquadrando-se, por isso, num estudo mais amplo que compreende a atividade filarmónica no concelho de Ílhavo. O presente artigo, resultante do meu trabalho para a realização de uma dissertação de mestrado na Universidade de Aveiro, em 2013, foi apresentado no II Seminário de Bandas Filarmónicas da Associação de Bandas do Funchal – Região Autónoma da Madeira, no passado dia 19 de Novembro de 2016, em Santa Cruz.

Bandas Filarmónicas em Portugal – Breve Contextualização

As bandas filarmónicas são agrupamentos musicais constituídos preferencialmente por instrumentos de sopro e percussão. Com origem nas sociedades filarmónicas que, segundo Paulo Lameiro (2010), foram importadas de Inglaterra, desempenham um papel associativo e recreativo, além de serem importantes centros de aprendizagem musical ao alcance de todas as classes sociais. Estes agrupamentos, geralmente organizados como associação recreativa, sobrevivem dos proventos que auferem das suas actividades performativas e comunitárias, sendo que o dinheiro necessário para estas instituições se manterem provém principalmente de quatro tipos de fontes: quotas anuais dos seus sócios; pagamento à banda pelas suas atividades (festas religiosas, contratos,

campanhas de angariação de fundos, bilhetes de concertos, etc.); fundos provenientes de organizações estatais como Autarquias, Secretaria de Estado da Cultura, Instituições Comunitárias Europeias, Instituto Português da Juventude, etc. e donativos de privados (Granjo, 2005). Performam então em festas e eventos religiosos que ocorrem no verão; cerimónias comemorativas de feriados nacionais (25 Abril, Natal, Páscoa, entre outros), que podem ser organizadas por instituições estatais; concertos de aniversário da associação; eventos de cariz social, entre outras situações possíveis.

A partir da pesquisa realizada, pode constatar que desde os finais do século XX, com exceção do maestro, a maior parte dos músicos que integra as bandas filarmónicas exerce profissões fora do âmbito da música, sendo que mais recentemente tem começado a haver músicos que optam por uma carreira profissional no domínio musical não dependendo, no entanto, dos rendimentos que obtêm das bandas filarmónicas. Predominantemente masculinas durante décadas são, no início do século XXI, organizações mistas cujo número ascende às sete centenas. Também ao nível dos instrumentos que integram estas instituições, observa-se que a diversidade que caracterizou as constituições instrumentais das bandas ao longo dos séculos XIX e XX, vem a dar lugar a uma certa homogeneidade ao nível instrumental. De igual modo, o número de instrumentistas que constitui a banda variou ao longo do tempo, sendo que no início do século XX estaria entre vinte e cinco e oitenta elementos. As bandas filarmónicas podem ter uma existência autónoma ou serem integradas em sociedades privadas, desenvolvendo neste caso atividades tão

diversas como o desporto, a filantropia, o teatro ou o artesanato (Granjo, 2005).

Em ambos os casos, são organizações que compreendem uma direção administrativa e outra artística. A direção administrativa organiza os concertos, assina contratos para a banda, tem a seu cargo gerir a parte financeira da associação e assegurar a divulgação da mesma, entre outras funções, pedindo em algumas situações a opinião do maestro. A direção artística e musical das filarmónicas fica a cargo do regente ou mestre, que tem como funções a seleção, aquisição, transcrição e arranjo do repertório, a realização de ensaios e a direção em concertos, acompanhamento nas arruadas e é também responsável pelo ensino de música da instituição, sendo apoiado pelo contramestre, um músico escolhido de entre os elementos da banda. As bandas apresentam-se ao público com uma farda, com chapéu e, em alguns casos, com insígnias.

As filarmónicas performam, a maior parte das vezes, em espaços ao ar livre, ambiente para o qual estão vocacionadas dada a sua constituição instrumental. Contudo, são cada vez mais chamadas a atuar em locais fechados (salas de concerto e auditórios), frequentemente integradas em comemorações autárquicas ou de âmbito nacional ou em eventos festivos da banda, além de concursos e encontros de bandas. Em algumas localidades são muitas vezes chamadas a dar acompanhamento musical a touradas. Em qualquer evento das filarmónicas, é visível a dedicação dos seus constituintes à banda. Sobre esta vertente humana das bandas, António Catana diz:

Mesmo em noites de frio intenso, nada era impeditivo para o filarmónico dar o melhor de si,

dedicando os escassos momentos de lazer aos ensaios que decorriam, na sede da Filarmónica. Que belo e encantador exemplo o destes jovens e homens dos ofícios, desta gente humilde que, depois de regressarem a casa derreados pela dureza do trabalho do nascer ao sol-pôr, após depressa enganarem a fome, corriam para a sede, com o coração vestido de alegria, para participarem em mais um ensaio! (Catana, 2003: 127)

O repertório executado pelas bandas é variado, dependendo do contexto em que vão tocar. É, no entanto, maioritariamente constituído por marchas, muitas vezes feitas pelos regentes. Tocam também rapsódias, hinos, fantasias e aberturas, específicas para esta constituição ou então arranjos de música erudita, jazz, música ligeira ou pop-rock. Destacam-se, entre os compositores portugueses que escreveram para banda, os seguintes: João Carlos de Sousa Morais, Sílvio Pleno (1932 – 2015), Duarte Pestana (1911 – ?), Miguel de Oliveira, Ilídio Costa, Amílcar Morais, Jorge Salgueiro (n. 1969), Carlos Marques, Afonso Alves (n. 1959), Valdemar Sequeira, Samuel Pascoal (n. 1986), Lino Guerreiro e Luís Cardoso (n. 1974). Na maior parte das atuações, o público não tem de pagar pelos espetáculos; no entanto, a entidade organizadora que contrata a banda para fazer os concertos e festas religiosas paga à filarmónica um determinado valor, acordado anteriormente ou, em caso de alguma alteração no programa, decidido no dia da atuação (Granjo, 2005).

Ensino e Aprendizagem nas Bandas Filarmónicas

As bandas filarmónicas são instituições que promovem a integração de novos elementos. Para tal, apostam no ensino formal de música, quer seja em

aulas específicas de solfejo e instrumento musical, ou durante os ensaios. Contudo, as filarmônicas são também escolas de vida, difundindo valores diversos:

... na verdade, as Filarmônicas ou Bandas foram e são autênticas Escolas do Povo, porque permitiram e permitem que os jovens e os adultos aprendam a ser mais amigos, mais respeitadores e mais solidários. (Catana, 2003: 12)

As bandas implementam um processo de ensino-aprendizagem que lhes é particular, distinguindo-se, assim, das outras instituições de ensino de música em Portugal. Essas singularidades são patentes nas competências musicais dos músicos que se iniciam neste universo. Entre aprendizes e profissionais de música, sobretudo no que se refere aos instrumentos de sopro, é de destacar a facilidade de leitura de partituras dos músicos que tiveram ou têm no seu percurso uma experiência performativa no domínio das bandas filarmônicas.

De acordo com Maria João Vasconcelos, citada no estudo realizado pelo maestro Maurício Soares da Costa:

Atualmente, no universo das Bandas Filarmônicas, 'coexistem várias formas organizacionais de escolas de música, desde o modelo tradicional de ensino até outros mais modernos. Contudo, o objectivo principal é sempre o mesmo: preparar músicos o mais rapidamente possível para que se juntem à banda como elementos ativos'. (Vasconcelos, 2004 cit. in Costa, 2009: 31)

Segundo autores como Vasconcelos e Costa, podem ser distinguidos três modelos de ensino. O modelo tradicional refere-se ao tipo de ensino praticado até aos anos 1970 que se caracteriza por ter apenas um responsável pelo ensino do solfejo e dos instrumentos, normalmente o maestro

ou o contramestre (Costa, 2009). Neste modelo o aprendiz começa com aulas de solfejo, a partir dos manuais de ensino de Freitas Gazul e Artur Fão, e só após alcançar uma determinada lição é encaminhado para um instrumento, de acordo com a necessidade e possibilidades da banda. Depois de saber algumas notas no instrumento, começa a frequentar os ensaios e só quando é considerado apto pelo maestro integra os serviços externos da banda. O modelo de transição é observável desde os anos 1980 e caracteriza-se por incluir mais professores: o maestro orienta as aulas de solfejo (da maneira atrás referida, ou seja, segundo os livros de Freitas Gazul e Artur Fão), mas dá a parte do ensino do instrumento a diferentes músicos monitores (Costa, 2009). O método atual, patente desde os anos 1990, aproxima-se do método utilizado em conservatórios e outras escolas de ensino especializado de música. Apesar desta tentativa de sistematização por décadas dos diferentes métodos de ensino, não se trata de uma divisão temporal fixa, uma vez que, dependendo de cada banda, é escolhido o método que lhe seja mais adequado, contribuindo para isso diversos fatores internos, como a formação do maestro, dos músicos e da própria direção, além das condições financeiras da filarmônica (Costa, 2009).

Uma vez que as bandas filarmônicas aceitam sem reservas quaisquer candidatos, a formação inicial pode ir de um a três anos, dependendo das capacidades de cada músico. As escolas de música das bandas são então de grande importância, pois constituem, para algumas pessoas, a única escola de música da sua região. As bandas começaram a especializar os professores de instrumento das suas escolas, melhorando a qualidade dos músicos

e apressando a aprendizagem nos instrumentos. Assim, mantêm as suas escolas para o repertório a executar, enviando os seus alunos para as academias e conservatórios. Por sua vez, a abertura de cursos superiores de música em universidades e escolas superiores dos vários institutos politécnicos veio facultar novas especializações dentro da música, fazendo com que a qualidade de ensino e dos próprios músicos nas bandas subisse (Bessa, 2009; Lameiro, 2010).

Ao longo da minha investigação, nesta área das bandas filarmónicas, constatei outros fatores intrínsecos que valorizam e enriquecem em muito toda a construção de uma personalidade do indivíduo dentro destas instituições. A formação obriga desde logo à assimilação matemática de toda a construção musical e ajuda a estimular toda a nossa capacidade de abstração para poder ler e entoar, assim como sentir diferentes ritmos e dinâmicas para poder executar instrumentalmente as peças musicais. Dentro destas instituições existe um cultivar contínuo da disciplina, começando desde logo pelo professor / maestro e seus ensinamentos. Além do maestro, os dirigentes das bandas preocupam-se essencialmente com a pontualidade (aulas marcadas e ensaios), cuidados a ter com a farda e instrumento assim como ter o repertório em dia. Por fim, os chefes de naipe fazem ligação entre o maestro e a direção e verificam todos estes pontos anteriores e tentam educar e ajudar os mais novos para que os serviços possam correr da melhor forma antecipando problemas. Toda esta disciplina e cuidados por parte destes atores neste meio faz nascer dentro do indivíduo o sentido de corporativismo e responsabilidade. O fator económico também é importante, sendo que

em algumas bandas é comum haver pagamentos aos músicos no final da época, que geralmente acontece durante o mês de Outubro. Esses pagamentos têm em conta, relativamente a cada músico, a assiduidade aos ensaios e serviços, a qualidade musical e a responsabilidade e causa à instituição.

Estas instituições, para além da componente de formação musical e cívica, enriquecem em outros aspectos os seus intervenientes. Começando no seio da instituição, existe toda uma forte convivência emocional entre os diferentes naves e gerações de músicos. É de lembrar que as atuais bandas filarmónicas incluem pessoas adultas que trabalham nos diferentes sectores (Primário, Secundário e Terciário) e gerações mais novas que tomam contacto com a sua realidade ao longo dos anos compreendendo e interiorizando o seu dia-a-dia. Em alguns casos, quando os indivíduos chegam a idade adulta, muitas destas pessoas que conheceram ajudam tanto no arranjar de emprego como no encaminhamento profissional.

Um outro ponto fundamental é o contacto que os músicos têm durante os serviços com o meio envolvente. Durante a minha investigação, observei que os músicos conhecem os locais e os exploram durante as horas vagas, convivem com diferentes pessoas de diversos estratos e falam de variados assuntos, e tudo isto de uma forma muito intensa. Todas estas interações dão aos indivíduos uma capacidade de estar, falar e observar, completando-se, desta forma, mais enquanto cidadãos.

As bandas filarmónicas, para além destes aspetos socioeducativos, transmitem um sentimento de nacionalismo muito forte aos jovens. O repertório popular português tem toda uma mistura de rit-

mos e melodias das diferentes regiões de Portugal (bailinho da madeira, cantares alentejanos, fado de Coimbra e Lisboa, corridinho do Algarve, vira do Minho, entre outros) que ajudam todos os indivíduos a respeitar com orgulho a cultura musical nacional. Este sentimento de cariz nacionalista verifico hoje no trabalho de campo que estou a realizar em França, junto da comunidade portuguesa em Paris, através da criação, pelo associativismo, de agrupamentos musicais que representam musicalmente a identidade nacional portuguesa (Filarmonia Portuguesa de Paris, ranchos folclóricos, Academia de Fado, grupos de fado).

Ao longo das entrevistas que realizei a músicos de bandas filarmónicas, verifiquei que em muitos casos estes indivíduos, em idade adulta, preocupam-se em transmitir aos filhos, sobrinhos e afilhados o gosto pela música. Tentam encaminha-los logo cedo para um conservatório e, se o meio proporcionar, para uma banda filarmónica. Se esta não existir apoiam para a integração e participação noutros géneros de grupos, como por exemplo grupos de baile, rock, pop, música de câmara, quintetos diversos, entre outros grupos possíveis. Estes adultos que incentivam os mais novos para estes meios valorizam tanto o fator música, como toda a convivência que daí se extrai para a vida futura.

Impacto das Bandas no Ensino Especializado de Música em Portugal

Na minha dissertação de mestrado, realizei seis entrevistas e um questionário aplicado aos professores de instrumentos de sopro e percussão

nas escolas de ensino artístico com paralelismo pedagógico em Portugal Continental e Regiões Autónomas, no sentido de procurar responder à seguinte questão: qual o impacto das bandas no ensino especializado de música em Portugal? Apesar dos inquéritos terem sido direcionados para os professores de sopros e percussão, recebi alguns que foram respondidos por professores de outras áreas curriculares que não se integram nas bandas filarmónicas (ciências musicais, instrumentos de corda e flauta de bisel), tendo estes começado a sua formação musical numa banda. Contudo, estes não foram contabilizados.

Relativamente às entrevistas realizadas, que tiveram como público-alvo seis professores de instrumentos de sopro do Conservatório de Música de Coimbra, as questões que coloquei centraram-se em dois tópicos principais:

1) Saber se os professores de instrumentos de sopro que atualmente lecionam nos conservatórios iniciaram a sua aprendizagem no contexto das bandas filarmónicas;

2) Saber qual a importância atual das bandas na formação inicial dos candidatos a instrumentos de sopro.

Dos seis músicos entrevistados (um de clarinete, dois de saxofone, um de fagote, um de flauta transversal e um de trompete), cinco começaram a aprender música nas bandas filarmónicas. O único que não começou numa filarmónica foi o professor de flauta transversal. Todos os professores entrevistados salientaram as diferenças entre os alunos que concorrem para os conservatórios e escolas de música. Segundo sustentaram, os que vêm de uma banda filarmónica “desenvolvem-se mais rapidamente”, uma vez que já possuem algu-

mas bases do instrumento para o qual concorrem (entr. Papel, 2012).

Depois de realizar estas entrevistas decidi alargar o âmbito da minha auscultação a um leque mais vasto de professores, no sentido de saber se noutras localidades do país as bandas filarmónicas também têm um impacto idêntico na formação dos músicos. Na impossibilidade de me deslocar fisicamente a todas as escolas, elaborei um curto questionário dirigido aos professores de sopro e percussão, onde os questionava relativamente à instituição onde tinham tido formação inicial.

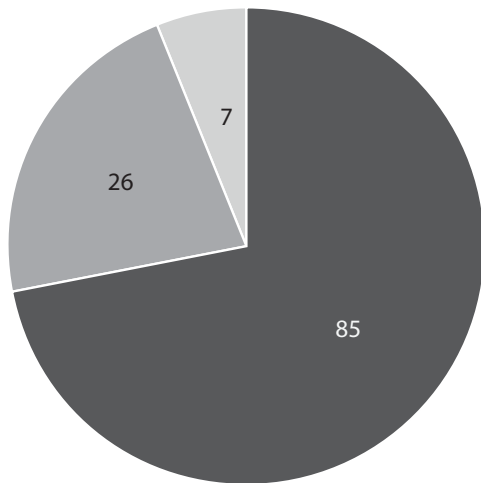
Comecei por fazer uma pesquisa, junto das extintas Direções Regionais de Educação (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira), dos estabelecimentos de ensino de música existentes em Portugal. Procedi ao levantamento dos contactos das várias escolas de ensino artístico com paralelismo pedagógico de Portugal Continental e Regiões Autónomas, de modo a poder enviar por email e, nalguns casos, recolher pessoalmente o inquérito destinado aos professores de sopro e percussão das mesmas. Nas escolas da região Centro, o período de aplicação foi parte do primeiro semestre (Março a Julho) do ano 2012, sendo que nas restantes regiões foi de Outubro de 2012 a Maio de 2013. Dos 209 professores de sopros e percussão da região Centro, responderam-me 121. Destes, apenas três nunca integraram nenhuma banda filarmónica, sendo que um deles esteve apenas numa orquestra de sopros, continuando a não estar ligados a nenhuma banda. A formação inicial dos professores é diversa, podendo ter sido realizada em bandas, em escolas de música oficiais ou não, ou então com familiares; contudo, 85 dos respondentes começaram

a aprender música nas filarmónicas, mantendo-se ligados às mesmas apenas 58. Os restantes, ou já não estão ligados a filarmónicas (40), ou apenas mantêm colaborações pontuais (20). Relativamente aos seus alunos, os professores que têm menos alunos nas bandas são os de oboé e fagote, sendo que os que têm mais alunos são os de clarinete, saxofone e trompete.

Posteriormente, prossegui para as escolas das restantes zonas (Norte, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira). Dos 875 professores destas regiões (400 da região Norte, 276 da região de Lisboa e Vale do Tejo, 60 do Alentejo, 74 do Algarve, 38 dos Açores e 27 da Madeira, aproximadamente), responderam 48 da região Norte, 26 da região de Lisboa e Vale do Tejo e 11 docentes dos Açores, ou seja, um total de 85 respondentes, sendo que existem professores que dão aulas em mais do que uma escola, sendo apenas contabilizados uma vez.

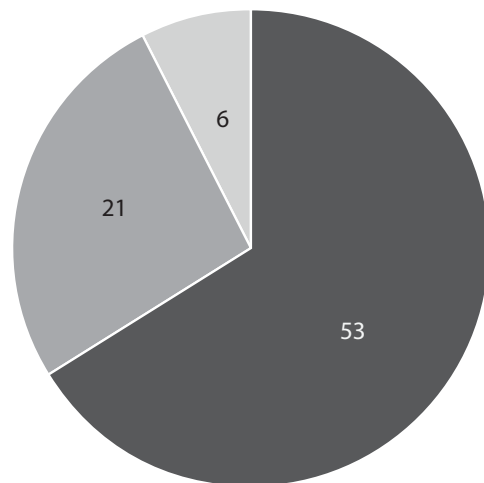
Em relação à formação dos professores destas regiões, começaram numa filarmónica a sua aprendizagem musical 53. Apenas cinco nunca estiveram ligados a nenhuma banda. Mantêm-se ligados às filarmónicas 37 professores, 14 apenas pontualmente e os restantes 29 já não têm ligação a estes agrupamentos. Os professores que têm menos alunos nas bandas são os de oboé e trompa, sendo que os que têm mais alunos são os de clarinete e saxofone.

Deste estudo pode-se concluir que as filarmónicas tiveram e ainda têm um importante papel e uma presença decisiva no estabelecimento da profissão de músico em Portugal, uma vez que uma percentagem significativa de professores iniciou a sua formação musical nestes agrupamen-



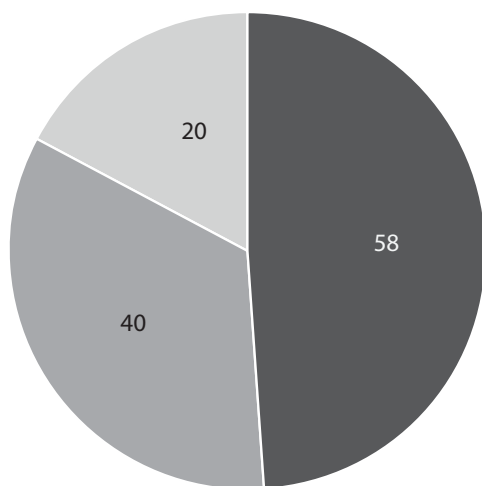
■ Banda Filarmónica ■ Outra Instituição ■ Outro

Gráfico 1 – Formação musical inicial dos professores de sopro e percussão da região Centro que responderam ao inquérito.



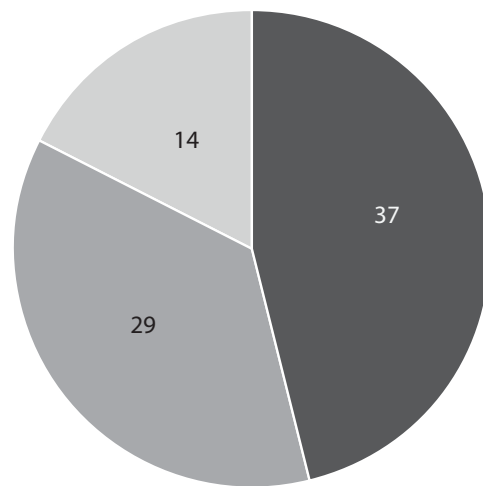
■ Bandas Filarmónicas ■ Outra Instituição ■ Outro

Gráfico 3 – Formação musical inicial dos professores de sopro e percussão das restantes regiões que responderam ao inquérito.



■ Sim ■ Não ■ Pontualmente

Gráfico 2 – Número de professores da região Centro que mantêm contacto com alguma banda filarmónica.



■ Sim ■ Não ■ Pontualmente

Gráfico 4 – Número de professores das restantes regiões que mantêm contacto com alguma banda filarmónica.

tos. É também possível constatar que as bandas filarmónicas não excluem candidatos, estando as suas escolas de música acessíveis ao público em geral, não havendo nestas diferenciação de classes sociais ou de estatuto económico, ao contrário do que acontece nos conservatórios, nos quais existem provas de seleção que limitam o acesso a uma formação musical especializada.

Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova: Breve Historial

Fundada a 15 de Abril de 1900, a Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova foi assim designada por ter sido auxiliada pela corporação dos bombeiros de Ílhavo da época. Apesar de atualmente não possuir músicos bombeiros, assim manteve a sua designação em homenagem ao apoio prestado. A sua primeira atuação pública foi nessa data e consistiu num desfile pelas ruas da vila de Ílhavo que terminou em frente à Associação dos Bombeiros Voluntários (entr. Ramalheira, 2013). Os músicos que então integraram a nova banda eram antigos músicos da Filarmónica Ilhavense, atual Filarmónica Gafanhense – Música Velha que, por dissidências várias, saíram desta e formaram um novo agrupamento musical. O surgimento desta nova banda – Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – que passa a desenvolver atividade em paralelo com a anterior Filarmónica Ilhavense, justifica a designação localmente dada às bandas: Música Nova e Música Velha.

A banda teve como primeiro maestro Vitorino Mendes Maia (m. 1927). No ano de fundação, possuía cerca de vinte e cinco músicos, todos

homens. Tal como qualquer banda filarmónica, a sua constituição foi variando, sendo que na altura em que era regente José Nunes Morgado (entre 1944 e 1970) contava com trinta e quatro elementos (entr. Ramalheira, 2013).

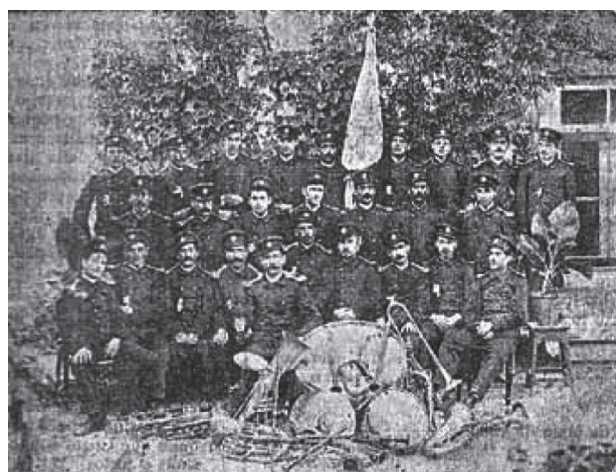


Figura 1 – Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova, em 1900 (s.a., fotografia cedida a João Ramalheira, por um antigo músico da banda).

A Banda dos Bombeiros Voluntários mudou de lugar de ensaio e sede ao longo do tempo, tendo os primeiros ensaios sido realizados em casa do ilhavense Samuel Quinhinha, instalando-se por último num edifício de uma antiga escola primária, na Rua Arcebispo Pereira Bilhano, em S. Salvador, ensaiando atualmente na Avenida Nossa Senhora do Pranto, na mesma freguesia, num edifício de outra escola primária do concelho. Apesar da sua denominação, e da importância da corporação dos bombeiros para a instituição, a Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo não chegou a ensaiar na sede dos mesmos (entr. Ramalheira, 2013).

Nas atas de Assembleia Geral da mesma banda, aparecem referências a mudanças de sede: em 1951, a sede era na Rua de Camões, sendo no ano de 1957 efetuada uma compra de uma casa térrea

na Rua Arcebispo Pereira Bilhano, lado poente, pertencente a Luís Francisco Capote Veiga e a herdeiros de José Pequeno Veiga, tendo sido realizada a mudança em 1958; já em 5 de Março de 1989, existe a referência à mesma rua mas num beco. Relativamente ao fardamento, também sofreu alterações ao longo do tempo, como mostram as fotografias cedidas a João Aníbal Ramalheira por antigos músicos da banda e as fotografias encontradas no arquivo da mesma.

Através de informações retiradas nas notícias e anúncios do periódico “O Ilhavense”, que também fazia referências a atuações e participações em festas e romarias das bandas do concelho, foi possível saber que a Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova possuía uma orquestra, constituída por músicos da banda, para as cerimónias religiosas, incluindo instrumentos como violinos e contrabaixo. Existe também a referência a uma fanfarra da banda, que participava em diversos eventos para os quais fosse solicitada (S.a. 1928: 1). Contudo, atualmente a Música Nova apenas integra a banda filarmónica, sendo que para as cerimónias religiosas toca um pequeno grupo de músicos e os restantes cantam, não tendo sido possível apurar em que datas os grupos atrás referidos foram extintos.

A primeira mulher executante, Rosa Maria Furão Teles, integrou a banda por volta de 1982, em clarinete, sendo seguida de sua irmã, Maria João Furão Teles, em trompa, cerca de um ano mais tarde. Atualmente já não tocam em nenhuma banda, não tendo sido possível apurar mais informações relativas a estas executantes.

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova teve, ao longo do tempo, diver-

sos maestros. O primeiro, como já foi referido, foi Vitorino Mendes Maia. Depois deste, passaram pela banda os seguintes: Berardo Pinto Camelo, Manuel Procópio de Carvalho, Joaquim Duarte Douwens, Silvério Correia de Melo, Manuel Vitorino dos Santos, José Pedro Soares de Melo Júnior, José Redondo, José Nunes Morgado (Novembro 1944 a Dezembro 1970), Luís Catão Nunes (1971 a 1977), José Rafeiro (1977 a 1985), Benjamim Almeida (1985 a 1992 e novamente mais tarde em 1995 e 1996), João Carlos Couras (1992 a 1994), Artur Pinho Maria (1994 e 1995), Jacinto Estima (1996 a 2000) e Jorge Ferreira (Dezembro 2000 até ao presente). As datas exatas em que foram dirigentes não foram encontradas para todos, pelo que apenas estão indicadas as que foram disponibilizadas através da entrevista feita por Maria do Rosário Pestana a José Rafeiro (2011), em atas de Assembleia Geral e em conversa informal com Fernando Maio (2013), atual músico da banda (saxofone barítono).

A Música Nova na Actualidade



Figura 2 – Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova, Abril 2011 (fotografia tirada por Júlio Oliveira, nesse ano vice-presidente da banda).

Tal como qualquer filarmónica, possui uma atividade vasta, desde concertos em salas de espetáculo a arruadas e procissões, em várias localidades do país, não só no seu concelho. É também de salientar a preocupação que o maestro e direção da instituição demonstram para que os seus músicos tenham uma formação musical sólida, dando importância à valorização profissional dos mesmos, através da seleção, pelo maestro, de um repertório que permita a apresentação de solistas. Os concertos em salas de espetáculo são os de maior responsabilidade para a Música Nova, uma vez que se pretende mostrar o trabalho realizado ao longo dos ensaios e aulas da escola de música. A escola de música da banda existe desde a sua fundação, sendo que a partir dos anos 2000 passou a funcionar apenas na sede da banda (antes existiam diversos polos da escola, nas diferentes localidades que constituem agora o concelho). As gravações sonoras realizadas, três cd's, permitem um registo da atividade da banda para o futuro, mostrando a evolução da filarmónica ao longo do tempo.

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova é uma associação constituída por sócios músicos e não músicos, sendo que os primeiros não pagam cotas e os segundos sim. Na banda existem quatro corpos diretivos distintos: a Assembleia Geral, que reúne uma ou duas vezes anualmente; a Direção Administrativa, que reúne mensalmente e quando considera necessário; o Conselho Fiscal e a Direção Artística. Nem todos os membros destes corpos diretivos tocam na banda. Com exceção da Direção Artística, que é escolhida pela Direção Administrativa sempre que necessária uma renovação, estes corpos diretivos

são eleitos de dois em dois anos, sendo apresentadas listas para as eleições e convocada uma Assembleia Geral para esse fim.

Esta instituição, a nível concelhio, tem uma importância bastante acentuada no que toca à divulgação musical. Além disto, é de salientar o esforço dos familiares e amigos dos membros da banda em os acompanhar nas suas atividades e o valor que a população em geral dá à mesma quando incentiva as suas crianças e jovens a iniciar o seu percurso musical nesta instituição.

Ensino de Música na Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo

O ensino de música na nesta banda existe desde a sua fundação, havendo poucas referências ao seu funcionamento antes dos anos 2000. Como acontece noutras filarmónicas, não exclui nenhum candidato, apesar de preferir crianças e jovens para assegurar o investimento feito na sua formação (entr. Ferreira, 2011). As aulas de solfejo são ministradas pelo maestro Jorge Ferreira e pelo contramestre Artur Rodrigues, sendo apoiados por alguns dos músicos que estudam no Conservatório de Música de Aveiro e no Conservatório de Música da Jobra, Albergaria-a-Velha. Além das aulas de solfejo os alunos têm aulas de instrumento, geralmente lecionadas pelos membros mais velhos. O maestro, para escolher os professores, usa os seguintes critérios: antiguidade na banda e, de entre os mais velhos, prevalece também quem se destaca como solista e quem estuda no conservatório. O ensino de instrumentos de metal é assegurado pelo contramestre da banda, uma vez

que toca bombardino e trombone. Estes critérios de seleção de professores valorizam, recompensam e responsabilizam os membros da banda, para que tenham sempre presente o trabalho conjunto e o espírito de entreatajuda, também para que os próprios músicos se sintam úteis e desenvolvam sentido de responsabilidade (entr. Ferreira, 2011).

A **Música Nova** usa o **método de ensino de transição**, em que os alunos começam com o solfejo e só depois passam para o instrumento, não deixando de ter aulas teóricas (Costa, 2009). O maestro faz questão de ser ele a leccionar solfejo aos membros mais novos, quando entram na escola de música, permitindo, desta forma, o conhecimento, pelo maestro, dos novos alunos (entr. Ferreira, 2011). Utiliza o livro de Freitas Gazul (Solfejo, I e II) durante uma primeira fase. Os membros mais velhos começaram a aprender através do livro de Tomás Borba (entr. Andrade, 2011). Quando o aluno atinge uma determinada lição (n^o 100) no livro de Freitas Gazul, é direcionado para um instrumento a seu gosto, sendo esta escolha também dependente do tipo de embocadura que cada aluno tem. Depois de já estarem no instrumento (funcionando este sempre como que um “prémio” por terem atingido as lições do solfejo), continuam com a parte teórica, mas agora segundo um livro mais avançado, o livro de Fernand Fontaine (Traité Pratique du Rythme Mesuré) (entr. Ferreira, 2011). Os ensaios são também um momento de grande relevância no processo de aprendizagem e formação dos músicos filarmónicos desta banda.

Considerações Finais

(...) Tudo quanto em seu beneficio se possa fazer, tudo quanto se publique em favor dos esforços despendidos, tanto por dirigentes, regentes e executantes desses verdadeiros núcleos culturais, donde saem por vezes, verdadeiros artistas, da divina arte dos sons, é motivo de júbilo para esta Federação (...). (M. Vaz Ferreira, Presidente da Federação das Sociedades de Educação e Recreio cit. in Freitas, 1946: 16)

Partindo de diferentes métodos é possível compreender a relevância das bandas filarmónicas para a sociedade portuguesa e, principalmente, para a formação de músicos em Portugal. Para assegurarem esta formação, as bandas recorrem a diversas metodologias de ensino. Este estudo permitiu quantificar os professores de instrumentos de sopro e percussão que iniciam a sua formação nas bandas e também os que mantêm uma ligação a estas instituições; verificar que das cerca de 700 bandas filarmónicas portuguesas saem milhares de músicos, estando ligados a elas muitos alunos de conservatórios, complementando a sua formação em ambas as instituições; compreender o modo de funcionamento das bandas e a maneira como se integram na sua comunidade e observar a influência destas instituições para a formação pessoal e social dos seus membros, além da formação musical que oferecem gratuitamente.

Associações sem fins lucrativos, as filarmónicas pretendem contribuir para a coesão social e formação musical da comunidade em que se inserem, prestando serviços educativos quer a nível musical, quer a nível comunitário e de formação de cidadãos. É possível observar diferenças entre o tipo de ensino nas bandas filarmónicas e nos conservatórios. Estes últimos, desde 2006, dão

preferência a alunos com nove, dez anos, que se encontrem a iniciar o 2º Ciclo do Ensino Básico, sendo que quem entra com doze anos ou mais, se ainda estiver em idade escolar, concorre para o grau correspondente, tendo que compensar o tempo perdido. O ensino oficial de música acompanha o ensino básico desde o 5º ano de escolaridade, sendo que, nesta linha de pensamento, um aluno que comece o 1º grau de conservatório estará no 5º ano, terminando o 12º ano do ensino secundário ao mesmo tempo que termina o 8º grau do conservatório (entr. Alves, 2012).

Como antiga aluna do Conservatório de Música de Coimbra, em violino, pude constatar que o ensino neste tipo de instituições é mais individual, havendo apenas algumas horas semanais para a música de conjunto. Já nas filarmónicas acontece o contrário, sendo valorizada a música de conjunto, a par de uma crescente aposta no ensino individual. Apesar de haver solistas e chefes de naipe, o interesse do grupo é superior ao interesse individual. Estes músicos são, contudo, reconhecidos e estimulados a continuar os seus estudos fora da banda. Apesar das diferenças entre bandas filarmónicas e conservatórios, estas instituições complementam-se. De facto, as bandas enviam os seus alunos para os conservatórios precisamente para os desenvolver musicalmente para depois trazerem as suas aprendizagens para a filarmónica, de modo a que o grupo evolua.

Na banda em estudo, enquanto as aulas são dirigidas a crianças, jovens e a membros que entram na banda sem saber tocar nenhum instrumento da mesma, os ensaios são o lugar de aprendizagem e performance intergeracional. A diferenciação de papéis segundo a idade coloca desafios específicos

à banda que, assim, tem de conviver com um leque de músicos com distintos graus de formação. Em bandas como a Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – Música Nova, quando os alunos alcançam um nível considerado promissor pelo maestro e direção da instituição, são aconselhados a candidatarem-se à escola oficial de música mais próxima sendo, neste caso, o Conservatório de Música de Aveiro e o Conservatório de Música da Jobra, Albergaria-a-Velha.

Referências Bibliográficas

- Brown, H. M. (1980). "Band" em Sadie, S. (ed.). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians, Volume Two*, 106-107.
- Capela, M. J. M. M. (2001). *Bandas Filarmónicas (Breves Apontamentos para a Sua História) nos Concelhos de Amares, Ponte da Barca, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde*. Edição da Banda de Música de Carvalheira.
- Castelo-Branco, S. E. S. e Lima, M. J. (1998). *Práticas Musicais Locais: Alguns Indicadores Preliminares em Observatório das Atividades Culturais*, 4, 10-13.
- Castelo-Branco, S. E. S. (1997). *Voix du Portugal*. Paris: Cité de la Musique/Actes Sud.
- Catana, A. S. (2003). *Filarmónica Idanhense: Páginas da Sua História – 115 Anos ao Serviço da Cultura Musical*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.
- Costa, M. S. (2009). *Metodologias de Ensino e Repertório nas Filarmónicas de Valpaços*. Tese para obtenção do grau de Mestre em Música – Especialidade em Direção na Universidade de Aveiro.
- Cordeiro, G. Í. (2010). "Associações Recreativas" em Castelo-Branco, S. E. S. (org.). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, A – C, 82-83.
- Fagundes, S. M. (2010). *Processo de Transição de uma Banda Civil para Banda Sinfónica*. Tese para obtenção do grau de Mestre em Música na Universidade Federal de Minas Gerais.

- Fonseca, J. S. (dir.). (1983). "Banda" em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 4, 102.
- Franco, J. E. D. (2011). *Bandas Filarmónicas Portuguesas*. Vila Praia de Âncora: Ancorensis – Cooperativa de Ensino, C.R.L.
- Freitas, P. (1946). *História da Música Popular em Portugal*. Barreiro: Edição de Autor.
- Gomes, A. D. (2007). *O Contributo das Bandas Filarmónicas para o Desenvolvimento Pessoal e Comunitário*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Didáticas Especiais/Didática da Expressão Musical na Universidade de Vigo.
- Granjo, A. (2005). *The Wind Band in Portugal: Praxis and Constrains*. Tese submetida para obtenção de grau de Mestre em Direcção de Bandas. Fontys Conservatorium, Zuid-Nederlandse Hogeschool Voor Muziek.
- Júnior, N. S. S. (2009). *As Bandas de Música e Sua Importância na Formação de Músicos – Três Estudos de Caso*. Monografia para obtenção do grau de Licenciado em Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Lameiro, P., Granjo, A. e Bento, P. (2010). "Banda Filarmónica" em Castelo Branco, S. E. S. (coord.). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, A – C, 459-461.
- Lameiro, P. (2010). "Banda Militar" em Castelo Branco, S. E. S. (coord.). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, A – C, 113-114.
- Lemos, A. S. A. (2013). *A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural: Estudo de caso da Banda de Amares*. Dissertação submetida para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Criança Área de Especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural. Universidade do Minho.
- Lima, R. F. (2006). *Bandas de Música, Escolas de Vida*. Tese para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais na Universidade Federal de Rio Grande do Norte.
- Louro, C. e Sousa, A. (2009). *Memórias de 20 Anos de Festivais de Bandas Filarmónicas*. Porto: Papiro Editora.
- Lourosa, H. M. M. (2012). *À Sombra de um Passado por Contar: Banda de Música de Santiago de Riba-Ul. Discursos e Percursos na História do Movimento Filarmónico Português*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Música – Especialidade em Etnomusicologia na Universidade de Aveiro.
- Martins, A. C. e Martins, A. F. C. (2006). *Bandas Filarmónicas: Inserção Histórico-Sociológica e Cultural: Registo de Ecologia Humana*. Coimbra: Município de Pedrógão Grande.
- Milheiro, M. H. (2013). *"Um por todos, todos pela Música Nova": um estudo de caso*. Dissertação submetida para obtenção do grau de Mestre em Música – Musicologia. Universidade de Aveiro.
- Mota, G. (org.). (2009). *Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um Estudo Sobre a Construção da Identidade Musical de Jovens Portugueses*. Edições Afrontamento.
- Nascimento, M. A. T. (2006). *O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Banda de Música*. Brasília: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM).
- Neto, M. B. S. (2009). *A Sociedade Filarmónica Lousanense: Contributo para a sua História Entre 1853 e a Implantação da República*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra.
- Pereira, V. L. S. (2008). *"Caras mas boas" – Música e Poder Simbólico (a partir da análise da Banda da Armada Portuguesa)*. Tese para obtenção do grau de Mestre em Música na Universidade de Aveiro.
- Portugal, L. (2004). *Ranchos Folclóricos e Bandas Filarmónicas: A Voz e a Alma de Portugal*. Lisboa: Roma Editora.
- Ribeiro, F. S. (1999). *A Banda Filarmónica*. Dissertação para obtenção do grau de Licenciado em Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).
- Russo, S. B. (2007). *As Bandas Filarmónicas Enquanto Património: um Estudo de Caso no Concelho de Évora*. Tese para obtenção do grau de Mestre em Antropologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).
- Sardinha, V. e Camacho, R. (2001). *Rostos e Traços das Bandas Filarmónicas Madeirenses*. Funchal: Associação Musical e Cultural Xarabanda.

- Silva, L. E. A. (2010). *Musicalização Através da Banda de Música Escolar: Uma Proposta de Metodologia de Ensaio Fundamentada na Análise do Desenvolvimento Musical dos Seus Integrantes e na Observação da Atuação dos "Mestres de Banda"*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Sousa, P. M. (2008). *História da Música Militar Portuguesa*. Lisboa: Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas Lda.

